



Sylvia Tamale

[04:02] Muito obrigado, Helen. E obrigado a todos por terem vindo aqui esta noite para me ouvir. Agradeço muito. Uma boa noite calorosa a todos vocês, Banange. Banange é como se diz “meus amigos” em Uganda, um termo ao qual voltarei mais tarde na minha palestra. É uma grande honra e um privilégio para mim dirigir-me a vocês esta noite nesta ocasião auspiciosa,

[04:31] terceira palestra anual Devaki Jane. Gostaria de aproveitar esta oportunidade para expressar minha sincera gratidão ao St. Anne's College, aqui na Universidade de Oxford, e em particular à diretora Helen King e a todos aqueles que tornaram minha estadia muito acolhedora e me fizeram sentir em casa.

[04:54] Edwin Drummond, Jason Fiderman, Deborah Walker e, acima de tudo, a indomável Dra. Devaki Jain, que me convidou e que eu estava ansioso para conhecer aqui hoje. Devaki, sei que você está assistindo. Obrigado, obrigado, e estou enviando a todos vocês o

[05:21] amor. Eu poderia começar a palestra desta noite com teorias do poder, repetindo conceitos como a ideologia de Karl Marx, a hegemonia cultural de Antonio Gramsci, os regimes da verdade de Michel Foucault ou o conceito de colonialidade de Annabel Kijano. Mas não quero que vocês caiam no sono. Basta dizer aqui que o imperialismo ocidental apresenta sua visão de mundo como a única sensata, como senso comum, a fim de manipular e explorar o outro.

[05:59] E como a lógica colonial não domina por meio da coerção física, mas pela aceitação generalizada de suas ideologias e práticas, ela quase nunca é questionada. Lembro-me vividamente da minha diversão irônica na escola primária, quando tropeçava nas palavras estranhas que compunham o alfabeto inglês. A é de apple (maçã), das regiões tropicais. Acho que vi minha primeira maçã nos anos 80. I é de igloo (iglu).

[06:39] K é de canguru. M é de mittens (luvas). S é de snow (neve). E V é de violino. Usar símbolos tão estranhos para aprender fonética simplesmente vai contra o objetivo da aprendizagem cognitiva. Se a criança não tem nenhum conhecimento prévio dos símbolos visuais e dos sons, como você espera que ela os nomeie corretamente? Infelizmente, essa lição elementar e distorcida do ABC se reflete

[07:08] na maior parte do ensino formal em todo o continente, onde os alunos continuam a consumir acriticamente material eurocêntrico. O mundo está a deixar uma grande mentira, uma grande mentira com muitas ramificações. Essa mentira foi propagada com sucesso pelas potências imperialistas ao longo dos séculos. A mentira é que no planeta Terra existe uma única

[07:39] maneira correta de ser humano. A mentira constrói a maneira ocidental de pensar, de ser e de agir como um modelo único, o padrão para todo o mundo. Ela impõe a conformidade universal com as formas ocidentais de compreender e interpretar o mundo. Isso inclui a educação, a governança, o desenvolvimento, a medição do tempo, a qualidade de vida e assim por diante. Muitos estudiosos

[08:09] escrevi e falei sobre diferentes aspectos dessa grande mentira. Todos concordam que a grande mentira e suas diversas ramificações convergem em torno da criação, normalização

e sustentação das relações capitalistas de produção e lucro para o Ocidente às custas das sociedades não ocidentais. Mas mesmo quando faço referência a conceitos como Ocidente, não Ocidente ou mesmo África, eu

[08:38] Estou plenamente consciente de que essas entidades estão longe de ser homogêneas. De fato, existem vários enclaves não ocidentais dentro do Ocidente, por exemplo, minorias raciais, comunidades queer, pós-colonialistas, marxistas e assim por diante. E a entidade batizada de África pelos imperialistas é tão rica em diversidade que o único denominador comum que a une é a lógica por trás da grande mentira.

[09:05] que estereotipa o continente como incorrigivelmente primitivo, subdesenvolvido e assolado por conflitos e tristeza. Como acontece com todas as inverdades, a grande mentira é disseminada através do poder da linguagem e do discurso. Por meio de ferramentas como a mídia de massa, a educação, a religião e a lei, os colonialistas construíram narrativas sobre a naturalidade da supremacia branca e da inferioridade negra, da supremacia masculina e da feminina.

[09:37] inferioridade, heteronormatividade, etc. Durante a segunda metade do século XX, os imperialistas pareceram recuar da África com a baixa formal das bandeiras coloniais e desfiles cerimoniais de independência. No entanto, eles utilizaram sete décadas e meia de domínio colonial para consolidar firmemente a mentira através da globalização do modo de vida ocidental.

[10:04] valores, normas e conhecimento, tudo em nome da civilização do continente negro. Durante esse tempo, eles implementaram sistematicamente estruturas e mecanismos que sustentam seu domínio, mesmo depois de perderem a presença física nas colônias pós-independência. Hoje, a máquina colonial conseguiu tecer uma ideologia totalizante que penetra todos os aspectos da vida africana.

[10:33] Através da produção e disseminação do conhecimento, este mecanismo exerce formas poderosas e insidiosas de poder hegemônico, sustentando assim a ordem econômica mundial. Quando a África foi colonizada, o crescimento orgânico dos seus processos sociopolíticos foi interrompido e/ou destruído, levando à captura bem-sucedida das mentes do seu povo através da reestruturação do seu conhecimento.

[10:59] sistemas e apagando e/ou desvalorizando sua história, cultura, expressões e modos de ser. A era da revolução digital, iniciada no final da década de 1980, deu aos imperialistas ainda mais poder para remodelar o mundo de maneiras mais profundas do que jamais se imaginou. Esta noite, vou me concentrar em algumas das maneiras pelas quais a Grande Mentira é construída e sustentada, com foco em suas implicações para

[11:29] África. Destacarei alguns dos mecanismos e tecnologias de poder através dos quais as normas universais são construídas e disseminadas pelo continente, e também falarei sobre a política do conhecimento e a autocratização da produção e aquisição de conhecimento global. Como podemos democratizar e descolonizar o espaço epistêmico? De que maneiras podemos falar sobre o apartheid epistemológico? Seguindo essa linha...

[11:59] introdução, concentro-me em cinco estruturas sociais para explicar resumidamente os mecanismos através dos quais as normas e crenças coloniais se incorporam na ordem hegemônica. Em primeiro lugar, falo sobre o sistema de educação formal. Em segundo lugar, falo sobre a noção de tempo. Em terceiro lugar, a teoria do desenvolvimento. E, em seguida,

o conceito de gênero. E, finalmente, a instituição do museu. A minha principal preocupação é

[12:26] demonstrar como a África foi apanhada no turbilhão da produção e disseminação globalizada do conhecimento euro-americano desde a colonização no século XIX. Algumas das formas insidiosas através das quais o Império mantém o seu domínio em África através da produção de conhecimento serão destacadas, ao mesmo tempo que discuto formas de combater esse poder hegemónico. Começo, portanto, com o formal

[12:52] educação. No ensino médio, meu professor de história me ensinou todos os detalhes da Revolução Francesa, mas nem a revolução haitiana nem a argelina foram abordadas no programa. Ele também explicou o Holocausto judeu nas mãos dos nazistas de Hitler, mas não disse nada sobre o genocídio alemão dos povos Herero e Nama na Namíbia que

[13:20] prefigurou a ideologia nazista. O professor de geografia me ensinou sobre as principais ilhas que compõem a cidade de Nova York, mas não sobre as de Lagos. Timbuktu era mencionada de forma depreciativa e paternalista, enquanto eu era forçada a decorar os Dez Mandamentos do Deus civilizador europeu, que eram martelados na minha mente jovem e impressionável.

[13:45] que o mundo espiritual do meu povo era uma bruxaria maligna e paganismo. Eu poderia continuar indefinidamente. Na Universidade Makerere, inspirada nas melhores instituições de ensino superior da Europa, eu detestava os professores que ficavam em frente à cátedra e nos falavam com superioridade. Eles separavam e privilegiavam a teoria em detrimento da prática, o pensamento em detrimento do sentimento, a ciência em detrimento das artes, a masculinidade em detrimento da feminilidade. Eles distorciam, minimizavam e marginalizavam

[14:17] conhecimentos e experiências indígenas e ignoravam nossas vozes como estudantes. Ser curioso e contestador não era apenas mal visto, era penalizado. Minhas experiências na escola me ensinaram várias lições, positivas e negativas. Em primeiro lugar, a África precisa parar de ver o educador como o professor que sabe tudo, mas usar a descrição de Paulo Freire como um dialogista,

[14:46] co-investigador que aprende com os alunos. O papel principal do educador deve ser reorientar as perspectivas dos alunos, aprimorar suas habilidades de pensamento crítico e dismantlar a reprodução de ideologias dominantes. Freire enfatizou o uso da práxis, pela qual professores e alunos se envolvem coletivamente na análise crítica de sistemas opressivos que desumanizam e marginalizam. Lembrando que o

[15:14] A sala de aula e a sala de palestras estão no centro do pensamento ocidental. É importante complementar esses métodos através do retorno às pedagogias educacionais africanas, tais como a narração de histórias, peças teatrais sociais, canções folclóricas, parábolas e poesia. Além disso, na maior parte da África, as disciplinas acadêmicas, particularmente no ensino superior, são ministradas através de

[15:39] o meio de uma língua colonial. O que a África precisa é de uma educação que leve a sério as bases do conhecimento indígena e o seu contexto, bem como o contexto do indivíduo, e que seja empoderadora. Fanon compreendeu perfeitamente que aqueles que controlam a língua controlam a realidade, razão pela qual Ngugi wa Thiong'o e Chinua Achebe imploraram aos africanos que restaurassem as suas realidades nas tradições vernáculas.

[16:11] Quando se trata de pesquisa, aqueles que dominam a indústria da produção de conhecimento também desenvolveram padrões e critérios para o que se qualifica como conhecimento legítimo globalmente. Os modelos para a construção da verdade são restringidos a padrões convencionais que servem ao status quo. Assim, para tornar qualquer ciência, seja social ou

[16:35] ciências naturais, quaisquer afirmações científicas, sua pesquisa deve seguir certas regras e os resultados devem ser publicados em um formato escrito específico. Tradicionalmente, na África, a teoria era construída por meio de histórias orais. Na verdade, a prática, a teoria e a construção do conhecimento eram todas integradas. Em outras palavras, os significados da vida eram explicados por meio de fábulas, mitos e espiritualidade.

[17:06] A ganhadora do Prêmio Nobel queniana Wangari Mathai gostava de contar a história de como, quando criança, costumava coletar lenha para sua mãe. A mãe a proibia de coletar lenha da chamada figueira estranguladora, pois era a árvore de Deus, que nunca deveria ser cortada, queimada ou usada. Na verdade, seu povo adorava essa árvore.

[17:33] Décadas mais tarde, como ambientalista sem sucesso, Mathai percebeu que a árvore sagrada foi preservada porque protegia os solos das terras altas contra a erosão e os deslizamentos de terra. Suas raízes fortes e profundas esculpiram rochas para formar nascentes subterrâneas que forneciam água subterrânea aos moradores. Quando os missionários e administradores coloniais chegaram ao Quênia, ordenaram

[18:02] a maioria dessas árvores foi cortada por representarem deuses pagãos. Essa história retrata a relação epistêmica entre os povos indígenas e a natureza, manifestada por meio de sua espiritualidade e tabus. O povo de Wangari, que nunca tinha entrado em uma sala de aula ocidental, entendia melhor as mudanças climáticas do que os chamados especialistas de hoje. A teoria baseada em histórias

[18:28] A estrutura era mais impactante do que as explicações alienígenas, antropogênicas e sobre o aquecimento global que são divulgadas hoje em dia. As histórias não têm jargões complicados nem expressões obscuras e facilmente ressoam com as massas. No entanto, essas contra-histórias são vistas pelos poderes constituídos como não científicas e, portanto, pouco confiáveis. Essa marginalização de diferentes formas de conhecimento não deixa espaço para a polinização cruzada de ideias.

[18:59] Histórias com nuances teóricas sempre foram populares entre pesquisadores feministas, mesmo sendo mal vistas e difamadas por revisores anônimos, editoras tradicionais e todos aqueles críticos que Caroline Nordstrom apropriadamente chama de juizes da epistemologia. Devemos atender aos apelos de estudiosos como Linda Tuhiwai-Smith para recentrar as formas indígenas de

[19:32] conhecer e descolonizar metodologias derivadas das tradições orais. Como epicentro da doutrinação colonial, a própria universidade africana precisa ser reinventada como um espaço subversivo, anti-imperialista, anti-sexista, anti-capitalista e não elitista.

[19:55] A universidade descolonizada e decolonial na África deve valorizar o conhecimento dos artesãos indígenas, praticantes da medicina tradicional, agricultores, ecologistas, griots, músicos e outros especialistas locais fora do poder da academia eurocêntrica. As barreiras físicas e conceituais que separam a universidade das populações locais devem

[20:19] ser derrubadas e as portas das instituições abertas para a comunidade, remodelando-a de acordo com as necessidades básicas da África. Uma polinização cruzada horizontal de

ideias entre os conhecimentos indígenas e a prática ocidental relevante teria mais ressonância entre os africanos do que o domínio vertical da modernidade neoliberal.

[20:43] atualmente reciclado na maioria das universidades africanas. É importante que os africanos colaborem com pensadores críticos localizados no Norte Global, bem como expandam e fortaleçam as relações Sul-Sul em seu compromisso com a descolonização e a libertação do continente. Mas tais colaborações devem ser baseadas no respeito mútuo e em interesses comuns. É bastante comum que estudiosos ocidentais

[21:10] tratam os seus colegas africanos como informadores glorificados. Nessa divisão transnacional do trabalho intelectual, aos últimos são atribuídas as tarefas empíricas, enquanto os primeiros se designam a si próprios como os construtores da teoria. Ao forjar e promover formas alternativas de pensamento, África deverá contornar as barreiras dos guardiões intelectuais e nivelar as hierarquias. Forjar sinergias entre filosofias diversas e uma polinização cruzada de

[21:40] várias perspectivas geoculturais, um diálogo entre disciplinas deve fazer parte do movimento global contra-hegemônico. Finalmente, no que diz respeito à educação, a indústria editorial acadêmica na África é muito pequena, muito insular e conservadora, em grande parte presa aos métodos coloniais de fazer as coisas. Os grandes nomes internacionais da publicação acadêmica, como Elsevier, Springer, Taylor & Francis e Wiley, têm

[22:10] produção corporativa de conhecimento através da aquisição de revistas acadêmicas africanas e da mercantilização total do conhecimento. Práticas neocoloniais que bloqueiam o conhecimento, como direitos autorais e outros direitos de propriedade intelectual, devem ser substituídas por práticas de acesso aberto. Nenhum indivíduo pode reivindicar ser o produtor exclusivo do conhecimento. Todos nós nos baseamos no conhecimento existente e/ou reformulamos argumentos antigos.

[22:38] A literatura de acesso livre é fundamental para um continente com recursos limitados e outros desafios resultantes do legado colonial. Passo agora à noção de tempo. A maioria dos africanos tem uma relação difícil com o tempo tal como é concebido pelo Ocidente. Na verdade, a questão do africano médio não respeitar o tempo é tão notória que o fenômeno é oficialmente conhecido como “hora africana”.

[23:07] Na melhor das hipóteses, conota uma atitude excessivamente relaxada, mas geralmente implica atraso, delinquência e incivilidade. Somos levados a sentir vergonha da nossa relação com o tempo, sendo constantemente lembrados de que tempo é dinheiro. No seu artigo intitulado “A tirania do tempo”, o escritor iraniano Joe Zadeh expõe os relógios e o conceito moderno de tempo como construções matemáticas.

[23:36] que foram moldadas ao longo dos séculos pela ciência e também pelo poder, pela religião, pelo capitalismo e pelo colonialismo. Vários estudiosos analisaram as teorias do tempo, incluindo Marx, Emily Durkheim e Barbara Adams. A padronização do tempo no final do século XIX forçou o mundo a adotar um quadro comum de datação que percebe o passado, o presente e o futuro como separados.

[24:02] De fato, a chave para os processos de universalização foi a reconstrução dos conceitos de espaço e tempo. A homogeneização e a volatilização das temporalidades servem a objetivos sociopolíticos e econômicos concisos. O tempo é uma ferramenta científica formidável à disposição do capitalismo ocidental para facilitar o processo de exploração. O

discurso científico nos faz acreditar que o tempo é uma unidade neutra, mas na verdade é extremamente político, com um significado significativo.

[24:37] implicações para as nossas revoluções como africanos e como feministas. O tempo confunde a mente, mas, típico da tentativa do imperialismo de controlar tudo, criou o relógio, que é frequentemente ajustado e alterado para se adequar a fins sociopolíticos. Os melhores exemplos do tempo como uma construção são os fenômenos da adição de dias bissextos a cada quatro anos ou da hora de verão.

[25:08] economia de tempo, em que o ponteiro das horas é avançado manualmente no relógio durante o verão para permitir que escureça mais tarde. Sim, o relógio genérico pode ser uma ferramenta prática para agendar palestras como esta. Mas devemos estar atentos à sua ordenação social histórica das relações de poder nas estruturas capitalistas. Nosso anticolonialismo

[25:32] e as lutas antipatriarcais estão atualmente envolvidas na colonialidade. Estamos usando as ferramentas e os paradigmas do Império para dismantlar o Império. Mantemos essa falsa sensação de rivalidade quando imitamos os modos do Império, incluindo o conceito de tempo. Adotamos programas de desenvolvimento endossados pelo Banco Mundial com prazos finais sem sentido,

[25:56] como a Agenda 2063 da União Africana, o chamado plano diretor que deve levar o continente a uma transformação estrutural. É claro que essas estimativas com prazos definidos desmoronarão diante da realidade da importância de um continente desunido, balcanizado e preso na teia da globalização neoliberal. O capitalismo transformou a maioria de nós em seguidores robóticos do tempo abstrato do relógio. Nossos padrões de alimentação, sono, descanso e produtividade são todos

[26:31] contado contra o tempo. O tempo foi transformado em mercadoria e o relógio é a principal ferramenta do capitalista para facilitar e regular as relações comerciais em todo o mundo. Gareth Dell descreve essa sincronização global dos objetivos humanos como o corte e a precificação do tempo em benefício do capitalismo. Como recurso, a lógica capitalista vê o tempo como algo que pode ser economizado e/ou

[26:58] desperdiçado, considerando-o uma medida de eficiência. Assim, o capitalista aumenta o lucro economizando tempo, basicamente disciplinando o trabalho e segregando-o de outras experiências humanas. As culturas não ocidentais tinham maneiras diferentes de ver o tempo, que rimavam muito mais com a natureza. Por exemplo, toda a conceituação do tempo africano era, e em muitos aspectos ainda é, muito

[27:30] diferentes das calibrações do relógio, que somam segundos, minutos, horas, dias, semanas, meses, anos, períodos e eras. Essas estruturas ontológicas e epistemológicas ocidentais do tempo são lineares e progressivas, enquanto os conceitos africanos não seguem essas medidas cronológicas rígidas. Eles são circulares, multidimensionais e estão em constante movimento, além disso, em um espaço multifacetado.

[28:02] Ainda hoje, o tique-taque do relógio não tem significado para a maioria dos não europeus, que concebem o tempo não como períodos cronológicos abstratos, mas em termos mais concretos, como eventos e estações que acontecem em um mundo interconectado que não tem começo nem fim. Para os africanos, o tempo não é linear, mas segue uma espiral que, para ecoar Achille Mbembe, é um emaranhado de presentes interligados.

[28:32] passados e futuros, cada época carregando, alterando e mantendo a anterior. O império desaprovava essas concepções contextuais e elásticas do tempo e zombava delas como irracionais e incivilizadas, mas é a elas que devemos retornar. É importante notar que a relação entre capital, trabalho e tempo é uma relação de gênero.

[28:57] As longas horas dedicadas ao trabalho de cuidados pelas mulheres na chamada esfera privada continuam sem remuneração e subvalorizadas. Por isso, a lei é utilizada para excluir o tempo dedicado à economia dos cuidados dos limites da produção. Mas sabemos que é o trabalho doméstico e reprodutivo não remunerado realizado pelas mulheres que permite aos capitalistas apropriar-se lucrativamente do tempo de trabalho na esfera pública.

[29:29] reino. A África precisa conscientemente dobrar o tempo e o espaço para alinhar sua história antiga com o presente e o futuro. Os modos de ser e agir da África nunca foram limitados pelo tempo, mas sempre desfrutaram de conexões espirituais ilimitadas e atemporais entre todos os seres humanos e entre os seres humanos e a natureza. Esses modos são informados pela sabedoria cuja força espiritual não provém do corpo humano, mas de

[29:57] a ordem cósmica. A África deve resistir à separação imperialista e forçada da natureza e do sobrenatural. Deve continuar a ser uma com o tempo duradouro da ecologia. Em suma, a África deve tocar os seus tambores revolucionários ao ritmo africano. Em seguida, consideramos a concepção imperialista do desenvolvimento socioeconómico como algo limitado no tempo,

[30:23] linear e mensurável. Tal como outros conceitos neoliberais, tais como a democracia e os direitos humanos, a ideologia hegemónica ocidental defende firmemente o modelo de desenvolvimento universal que supostamente levaria todas as nações a alcançar o progresso económico, a modernidade e o estatuto civilizado. O desenvolvimento modernista, tal como conceptualizado no capitalismo global

[30:48] A economia política refere-se a um aumento na produção económica. O progresso económico é medido pelo produto interno bruto, que é o valor de todos os bens e serviços consumidos. Os estudantes de economia aprendem que mercados sem restrições são ideais para o crescimento económico e o bem-estar social. Trata-se de crescimento do investimento e maximização da participação no mercado e do lucro. O Estado deve se afastar de seu papel fundamental de

[31:19] sustentar a economia. Essas teorias económicas neoliberais valorizam o mercado e, ao mesmo tempo, mercantilizam as relações sociais, os corpos e as mentes humanas. A crise económica global de 2007-2008 foi indicativa dos limites económicos, sociais e ambientais das políticas de desenvolvimento neoliberais. Esse paradigma hegemónico da economia liberal neoclássica foi dominado pela maioria dos governadores dos bancos nacionais africanos.

[31:49] que foram formados em universidades ocidentais para reproduzir tais paradigmas. Como coletivo, eles executaram com sucesso a agenda imperialista de inserir firmemente a África no sistema económico capitalista global e aprofundar a dependência e o endividamento do continente. Instituições capitalistas multilaterais, como o Banco Mundial e o FMI, agências de desenvolvimento

[32:13] e as empresas transnacionais estão à disposição para garantir o cumprimento total das regras do jogo do capital financeiro pela África. De fato, o Banco Mundial e o FMI têm

sido fundamentais na universalização desses paradigmas e na integração da economia mundial por meio da globalização. Mas será que um desenvolvimento verdadeiro e substancial pode ser alcançado na África sob o regime democrático neoliberal burguês? O livre comércio é realmente

[32:42] livre para os africanos sob a estrutura capitalista neoliberal? É possível a justiça social e econômica em um sistema mundial capitalista hetero patriarcal? Como o capital, nas condições neoliberais, é acumulado à custa da exploração dos recursos naturais e da mão de obra das regiões menos desenvolvidas do mundo, tem havido tentativas de contrariar essa lógica.

[33:07] do neoliberalismo e da modernização. O Fórum Social Mundial, por exemplo, surgiu como um movimento contrário ao Fórum Econômico Mundial. Infelizmente, o Fórum Social Mundial não conseguiu unir o Sul Global nesses esforços, pois sua agenda estava mais focada na desocidentalização do que na decolonialidade. Ele simplesmente buscou transferir o centro de gravidade político-econômico do sistema de Bretton Woods para a aliança dos BRICS. Os sistemas de conhecimento neocoloniais

[33:41] informando a economia política do comércio internacional permaneceria intacta. Isso é bem diferente, por exemplo, da noção latino-americana de VVABN, que significa boa vida, que desafia os paradigmas neoliberais de desenvolvimento. A Bolívia começou a implementar o conceito de VVABN com uma série de processos transformacionais para substituir os discursos globais de desenvolvimento. No entanto, o país precisa

[34:12] para resolver várias contradições de Vivir-Bien, se Vivir-Bien quiser ter sucesso. Por exemplo, sem transformar radicalmente a economia política subjacente, a era pós-neoliberal continuará sendo discursiva. Portanto, é fundamental dismantelar as relações de produção coloniais capitalistas, incluindo mercados, práticas extrativistas, exportação de recursos naturais e dependência do capital financeiro.

[34:41] Isso aponta para o enorme desafio que o Sul Global enfrenta para se livrar efetivamente das relações de produção capitalistas bem estabelecidas e da matriz colonial. O VVABN, que deriva dos Sistemas Comunitários de Conhecimento Indígena da América Latina, tem uma semelhança impressionante com o conceito africano de Ubuntu. Plano Nacional de Desenvolvimento da Bolívia

[35:08] define-o como um encontro entre os povos indígenas e as comunidades que respeitam a diversidade cultural e a identidade. Significa viver bem entre nós. Trata-se de uma coexistência comunitária sem assimetrias de poder. Não se pode viver se os outros não vivem. Trata-se de pertencer a uma comunidade e ser protegido por ela, bem como de viver em harmonia com a natureza.

[35:37] e desfrutar de forma sustentável de suas riquezas. Muito semelhante ao Vivier Bien, a filosofia africana do Ubuntu dá mais importância ao bem-estar do grupo do que ao indivíduo. O ethos comunitário e solidário do Ubuntu, geralmente expresso na máxima popular “Eu sou porque nós somos”, pode ser traduzido como a política do bem comum.

[36:04] também refletido na noção do VBN. O Ubuntu valoriza a unidade na diversidade e é muito promissor para a dignidade humana, a humanidade e a compaixão. É com esse mesmo espírito que me referi a vocês, o público, como Banag. Portanto, a África pode aprender com a experiência latino-americana e voltar aos seus modos indígenas de ser e tornar-se humano, para deixar de se obsessão com a melhoria material e compreender realmente que não se

pode ter uma vida boa se as pessoas ao seu redor não estão vivendo bem. Além da transformação ideológica e epistêmica,

[36:41] A África também deve aprender com os erros dos esforços de transformação econômica da Bolívia. É evidente que estratégias neoliberais, como programas de ajuste estrutural, políticas nacionais de redução da pobreza, programas de criação de riqueza e assim por diante, só irão afundar ainda mais a África no subdesenvolvimento. Uma ligação decolonial bem-sucedida a partir dos modelos de modernização do desenvolvimento colonial

[37:06] só seria alcançado através de um movimento radical panafricano focado em erradicar as condições epistêmicas e materiais das desigualdades capitalistas. Nesse sentido, é preciso prestar atenção especial à situação das mulheres, o que me leva ao conceito de gênero. Os sistemas culturais que ordenam a compreensão africana de gênero são tão fundamentalmente estranhos ao Ocidente

[37:33] formas de pensar que parecem irracionais. Enquanto os paradigmas coloniais de gênero estão firmemente alicerçados em dualismos polarizados entre homem e mulher, as compreensões indígenas africanas sobre o mesmo eram mais pluralistas, mais elásticas e flexíveis. Dualismos rígidos de gênero criam pontos cegos e estereótipos que resultam em desigualdades e injustiças sociais.

[38:01] Por exemplo, indivíduos intersexuais, transgêneros e outros indivíduos não conformes que não se enquadram nos marcadores sexuais bem definidos de masculino e feminino acabam sendo apagados das políticas estatais e sujeitos a vários tipos de estigma e discriminação. Estudiosos da história e do gênero têm desafiado os tropos coloniais de gênero, revelando muitos exemplos das sociedades africanas.

[38:27] onde a organização de gênero não era necessariamente organizada segundo linhas heterossexuais ou patriarcais. Em seu livro clássico, *Male Daughters, Female Husbands* (Filhas Masculinas, Maridos Femininos), Ife Amadiume explica que o sexo biológico nem sempre correspondia ao gênero ideológico na comunidade Igbo Nobi, no sudeste da Nigéria.

[38:55] Na maioria das cosmologias africanas, os mortos transcendem para o mundo espiritual e vivem entre os vivos como ancestrais vivos. Os ancestrais podem usar qualquer corpo vivo, independentemente do sexo, como canal para exercer sua agência por meio da possessão. É por isso que os equivalentes das noções seculares ocidentais de transgeneralidade e homossexualidade não eram impensáveis na epistemologia ontológica africana.

[39:25] enquadramentos. O poder ancestral dos Sangomas na África do Sul e seu status transgênero plenamente reconhecido são apenas um exemplo disso. Embora o patriarcado já existisse antes das invasões coloniais da África, seu funcionamento interno era bastante diferente do patriarcado da era vitoriana, que foi fortemente influenciado pelo judaísmo-cristianismo e pela lei natural.

[39:52] tradições e filosoficamente definidas pelo dualismo cartesiano. A relativa flexibilidade dos sistemas de gênero indígenas possibilitou que as mulheres desempenhassem papéis masculinos em termos de poder e autoridade sobre os outros e, como os papéis não eram rigidamente masculinizados ou feminizados, não havia estigma associado à quebra das regras de gênero. Abundam exemplos que demonstram essa flexibilidade de gênero em toda a

[40:20] o continente. Não tenho tempo para analisar todos eles. Quando os colonialistas chegaram ao continente, passaram a impor sua própria conceituação de gênero às

comunidades africanas para se adequar aos imperativos da produção e reprodução capitalistas. De fato, o gênero e os conceitos relacionados de sexualidade e identidade de gênero estão intimamente ligados e são fundamentais para a acumulação capitalista.

[40:48] processo. Onde havia uma fusão entre as esferas sociais pública e privada, o colonialismo procedeu à reestruturação dos espaços, separando claramente o mercado e a estrutura jurídico-política que o sustenta do lar doméstico. Os dualismos estão ainda mais enraizados na caracterização binária correspondente dos espaços de gênero como produtivos e improdutivos, remunerados e não remunerados, egoístas e altruístas.

[41:19] A construção colonial fundamental dos homens como provedores produtivos e das mulheres como cuidadoras improdutivas cria ainda mais uma hierarquia de gênero que subordina as mulheres. Isso não tinha sentido para a maioria das sociedades africanas, onde muitas mulheres se dedicavam rotineiramente ao comércio, à agricultura e ao controle da propriedade antes das intervenções dos colonialistas. Com o colonialismo

[41:44] A reestruturação das relações de gênero, o trabalho subvalorizado e não remunerado das mulheres nos lares, nas fazendas e nas comunidades contribuiu para subsidiar o capital, permitindo-lhe reduzir os custos de manutenção dos assalariados e, conseqüentemente, aumentar sua margem de lucro. Economistas políticas feministas, incluindo Devaki J, há muito tempo

[42:09] desafiou a oposição entre produção e reprodução, ou trabalho mercantil e não mercantil, dentro da economia neoclássica, que resultou em hierarquias de gênero. No entanto, a maioria desses argumentos permanece contida na estrutura incontestada da dicotomia de gênero entre homens e mulheres heterossexuais. Na verdade, são as interpretações queer do feminismo pós-modernista

[42:36] que perturbaram a dicotomia colonial de gênero de formas que ecoavam os valores que há muito existem em muitos sistemas de conhecimento indígenas não ocidentais. Por isso, o continente precisa livrar-se da estrutura dualista colonial de gênero que serve à ordem socioeconômica heterossexista do capitalismo. A África deve recuperar as estruturas multigênero e de sexualidade fluida que existem em

[43:04] muitas de suas culturas tradicionais e redescobrir seus paradigmas que recolocam seu povo de volta aos seus centros culturais com uma ideologia de gênero mais igualitária. O espectro relativamente acolhedor de identidades de gênero e sexualidade diversas é baseado no ethos Ubuntu de solidariedade e interconectividade.

[43:28] As construções de gênero não binárias que residem nas raízes de muitas culturas africanas são mais favoráveis à inclusão de gênero e oferecem maiores promessas para a justiça de gênero. O exemplo final de um local de produção de conhecimento colonial que discuti esta noite é a instituição do museu. Os museus não são frequentemente vistos como relíquias coloniais que

[43:55] trabalhar ativamente para moldar o conhecimento. As máscaras espirituais africanas, esculturas de bronze, vasos esmaltados, bancos ornamentais esculpidos, obras de arte complexas, chinelos de couro tingido e outros objetos intrincados em exposição nos museus ocidentais geralmente não evocam sentimentos de uma civilização antiga que remonta a séculos. Em vez disso, os objetos são frequentemente curados de uma forma que transmite imagens de relíquias exóticas de um outro nativo inferior.

[44:30] Eles abrem os olhos para as diferenças construídas sobre hierarquias trágicas. Os museus não são apenas depósitos de objetos, mas também de conhecimento. Conhecimento que é classificado para construir racionalidades específicas. Os museus têm sido, historicamente, poderosas ferramentas sociopolíticas para moldar visões de mundo. Existem diferentes formas de museus, mas particularmente a arqueologia,

[44:58] A história natural e a ciência serviram como projetos pseudocientíficos para reforçar hierarquias raciais e de gênero e justificar o imperialismo. Os museus etnográficos do século XIX eram usados principalmente como repositórios de exposições vivas de africanos primitivos para o olhar livre que cativava os europeus curiosos.

[45:23] público. O museu representava o apelo visual das ideologias racializadas e de gênero, confirmando as verdades distorcidas sobre os selvagens do Continente Negro. Um bom exemplo é a exibição pública, em 1814, no museu pop-up móvel nas ruas de Londres e Paris, da mulher nua Khoisan da África do Sul, Sarah Batman. Ao fazer isso,

[45:48] A Europa construiu o corpo feminino não apenas como biologicamente diferente do corpo masculino, mas também como dimorficamente diferente do corpo feminino branco e sexualmente menos desejável. A personificação do gênero racializado por excelência. Quando ela morreu no ano seguinte, os órgãos sexuais em conserva de Batman permaneceram em exposição em frascos no Museu do Homem de Paris até 1974. A exibição exótica e estratégica

[46:23] de espécimes e artefatos desconhecidos, quando justapostos a objetos europeus normativos, faz maravilhas para diferenciar os africanos e moldar o imaginário assustador dos patronos europeus que os contemplam. No entanto, o discurso museológico não se limita ao objeto exposto, mas é construído através de publicações. Muitos dos grandes museus possuem

[46:50] editoras que publicam revistas regulares, organizam simpósios sobre patrimônio cultural e assim por diante. Por exemplo, em 1963, o Museu Britânico publicou *Races of Man* (Raças do Homem), complementando sua exposição sobre o negroide e sua estreita afinidade com os restos mortais da Idade da Pedra encontrados em Grimaldi. Professores levam seus alunos para visitas a museus como parte de suas aulas de história.

[47:17] Imagens de artefatos encontrados em museus também são reproduzidas em livros didáticos e páginas da internet. Em outras palavras, os museus desempenham um papel eficaz e afetivo no desenvolvimento das identidades ocidentais e na construção do conhecimento sobre o outro, aqueles que se desviam da norma ocidental. Michel Foucault caracterizou o museu como uma instituição iluminista que serve ao capitalismo e ao imperialismo.

[47:45] através de uma ordenação cuidadosa do conhecimento dentro de um espaço monitorado institucionalmente. Por isso, vemos o museu como uma ferramenta epistêmica e metodológica para moldar o conhecimento e a compreensão da diferença. A associação entre museus, antropologia e arqueologia e, mais tarde, eugenia na construção de uma história ou narrativa do africano selvagem e na reafirmação de ideologias racistas tem sido

[48:16] bem documentado. As etiquetas dos museus que congelam, descontextualizam e fragmentam um povo e sua cultura, exibindo a civilização africana como vestígios imobilizados de um passado redundante, facilitam o desenvolvimento de ideias supremacistas brancas, como o macabro roubo do dente de ouro do assassinado Patrice Lumumba por um soldado belga.

[48:45] encaixa-se perfeitamente no domínio desse pensamento dominante. O século XXI testemunhou um novo tipo de museologia que responde às críticas pós-coloniais. Alguns revisaram suas práticas curatoriais, tornando-as mais sensíveis às representações indígenas. Os administradores de museus começaram a devolver alguns dos artefatos que

[49:11] foram saqueados da África, mas eles fazem isso com resistência calculada e colonialismo racista e paternalista, estabelecendo condições para qualquer repatriação. Por exemplo, o presidente Emmanuel Macron, da França, exigiu que a África tivesse conservadores bem treinados e segurança garantida como pré-condições para a devolução do saque.

[49:36] Outros, como os detentores dos famosos objetos de bronze do Benim, só os devolverão à Nigéria como empréstimos compartilhados. Em 2002, um consórcio de museus eminentes da Europa e da América do Norte assinou a Declaração sobre a Importância e o Valor dos Museus Universais, na qual tentaram convencer-se de que

[50:01] tinham um dever único e sacrossanto para com os artefatos saqueados e/ou adquiridos ilegalmente em sua posse. A declaração representa a crise que essas instituições históricas enfrentam diante das constantes pressões das antigas colônias para repatriar objetos obtidos ilegalmente. Uma mudança paradigmática radical na função dos museus ocidentais como

[50:35] instituições produtoras de conhecimento. Para concluir, até que o A de Apple mude para o A metafórico de África, até que o conhecimento seja desvinculado das suas raízes coloniais e redirecionado para as comunidades africanas, explorando a riqueza das histórias e experiências africanas, o continente nunca sairá da terrível armadilha do neocolonialismo.

[51:04] É necessário que ocorram mudanças radicais de natureza revolucionária nas academias africanas e nos processos de produção de conhecimento, a fim de alcançar a ruptura epistêmica com o domínio hegemônico ocidental. O legado colonial profundamente enraizado dessa violência epistêmica contra as visões de mundo da África e seu povo exige uma reorientação total da academia e

[51:29] produção de conhecimento. Dado que o conhecimento representa o poder dos dominantes, a descolonização da produção de conhecimento nos desafia a transcender completamente as fronteiras colonizadoras do discurso modernista e a pensar fora da caixa, de forma livre e criativa, para enxergar além do comum e do óbvio. Recentemente, muitas iniciativas ativistas surgiram em torno do

[51:58] continente. Por exemplo, o Movimento Follist da África do Sul, a Universidade Pan-Africana Marcus Garvey em Uganda, o Instituto de Pensamento e Conservação Pan-Africano da Universidade de Joanesburgo, o Instituto de Estudos Africanos da Universidade do Gana, a Rede de Pesquisa Descolonial Africana da Universidade da África do Sul e muitos outros. É através de tais processos que a África pode começar a facilitar diálogos interparadigmáticos.

[52:32] entre as visões e experiências críticas dos povos indígenas e do mundo ocidental, de forma ética, respeitosa e integrada. Desaprender os processos de pensamento eurocêntricos é o nosso principal desafio. A África precisa levar a sério suas epistemologias tradicionais, que foram desvalorizadas e corroídas pelo colonialismo. Não devemos apenas valorizar as teorias desenvolvidas a partir de

[52:57] academias, mas também aqueles que emanam dos não escolarizados. A África deve publicar para suas massas e não para os imperialistas ou a elite acadêmica. O conhecimento

descolonizado deve, portanto, levar em consideração as diversidades baseadas em gênero, status socioeconômico, idade, sexualidades, deficiência e assim por diante, bem como todas as injustiças interseccionais. O continente também deve se precaver contra o risco de

[53:28] institucionalizar o pensamento africano decolonial como o novo poder hegemônico. As chamadas comunidades epistêmicas especializadas não devem substituir o conhecimento indígena. Os processos de produção de conhecimento devem permanecer orgânicos, renovando-se constantemente. Por fim, a faceta ambígua da tecnologia traz oportunidades para a produção de conhecimento decolonial na África.

[53:56] Tecnologias como a internet, por exemplo, oferecem ao continente inúmeros recursos para produzir, comunicar e disseminar conhecimento e informação por meio de formatos multimídia, como conteúdo textual, visual e auditivo. É fundamental que pensadores decoloniais de ascendência africana se descubram e se conectem em todo o mundo.

[54:22] Assim, uma tentativa panafricana de combater a hegemonia euro-americana também aproveitou a revolução digital. A Feminist Africa, a primeira revista feminista digital do continente, criada em 2002, é um modelo para muitas outras que surgirão. Gostaria de terminar dizendo que o colonialismo não é a única explicação para a produção de conhecimento na África.

[54:47] desafios. Embora o neocolonialismo domine a narrativa da história, certamente não é o único. Vimos como o colonialismo manteve um forte domínio sobre o continente, tornando extremamente difícil libertar-se do controle neocolonial. Mas, além disso, a África tem potencial para abrir brechas na armadura epistêmica neocolonial.

[55:12] De fato, os africanos possuem capacidade de resistir e desafiar os discursos coloniais profundamente prejudiciais. Infelizmente, a maioria dos líderes está em conflito com o próprio poder estatal e os privilégios burgueses e corrompidos a agir como agentes compradores do neocolonialismo, em vez de trabalhar para libertar suas nações das amarras.

[55:37] Assim, para superar a balcanização do continente arquitetada por Berlim e ganhar influência sobre a ordem mundial hegemônica, a África precisa estabelecer um contrapeso maciço liderado pelos jovens por meio de um movimento panafricano de base, guiado por uma ideologia decolonial clara. Liderado pelos jovens porque eles têm menos a perder e tudo a ganhar com a mudança. A é para nós. Obrigado por me ouvirem.

Helen

[56:30] Sylvia, que palestra absolutamente fascinante, instigante e desafiadora. Foi fantástico ouvir e estou ansioso para ouvir as perguntas, pontos de vista e ideias do público. Então, por favor, quem quiser, pode começar.

[56:51] Gostaria de perguntar algo à Sylvia sobre o que ela disse esta noite. Por favor, na fila de trás, há um microfone a caminho, se puderem aguardar um momento.

Aluna

[57:05] Muito obrigado pela sua palestra. Acho que você abriu muito a nossa mente e foi realmente inspirador. Gostaria de saber a sua opinião sobre responsabilidade e de quem é a responsabilidade de acabar com esse tipo de domínio colonial que existe sobre a África. É responsabilidade das potências coloniais, acho que a palavra usada normalmente é reparação, ou de se libertarem

[57:34] do privilégio que surgiu de situações anteriores? Ou cabe mais aos descendentes da África, aos governos africanos, etc., tomarem a iniciativa e se retirarem de onde foram deixados pelo colonialismo? E até que ponto você acha que esses dois lados opostos, se você...

Sylvia Tamale

[57:58] Acho que precisamos trabalhar juntos ou agir de forma completamente separada, sim. Espero que isso faça sentido. Normalmente, pela experiência, aprendemos que as pessoas com poder e privilégios são muito relutantes em abrir mão desses privilégios, então acho que a responsabilidade de nos libertarmos realmente é nossa.

[58:29] Nossas mentes, mais do que qualquer outra coisa, foram capturadas pelas narrativas dominantes, pelos discursos dominantes. E acho que esse é o maior desafio que temos. Precisamos disso, porque quando você conversa com muitos africanos, sabe, a primeira coisa que eles vão te dizer é: “Mas isso é contra a Bíblia”, essas serão as primeiras palavras que sairão da cabeça deles, da boca deles.

[58:55] A Bíblia diz que fomos totalmente capturados, pensando em binários, pensando no que nos foi ensinado desde então, e esse é realmente o maior desafio. É o maior desafio pensar fora da caixa, e foi isso que a Bolívia tentou fazer. É muito difícil porque nossas economias estão tão arraigadas no capital financeiro que, você sabe, libertar-nos é um enorme desafio revolucionário.

[59:31] Mas acho que a primeira coisa que precisamos fazer é realmente entender o que o colonialismo fez conosco, com nossos países e com nossas mentes, e descolonizar nossas mentes. E, uma vez que tenhamos clareza sobre isso, acho que será muito mais fácil. Especialmente, minha esperança está em vocês, os jovens. Está realmente nos jovens. Acho que, quando escrevi Descolonização e Afrofeminismo,

[1:00:00] O público que eu tinha em mente era realmente jovens como vocês. E meu objetivo era tentar simplificar o que o colonialismo fez com a gente, então acho que a principal responsabilidade é nossa, não é dos nossos líderes atuais, porque muitos deles, vocês sabem, podem até entender, mas como estão se beneficiando, agindo como agentes do colonialismo, eles não vão fazer nada, então acho que agora nós...

[1:00:38] precisamos aumentar a conscientização para que todos entendamos o que é e lutemos contra isso. O que aprendemos na escola é um lixo total. Você tem um doutorado que não está ajudando seu país de forma alguma. Tudo o que está fazendo é ajudar a consolidar nosso subdesenvolvimento.

[1:01:04] E, uma vez que você compreenda essas coisas, acredito que tudo se encaixará no lugar. E sim, podemos colaborar, como mencionei no artigo, podemos colaborar com pessoas não ocidentais no Ocidente que estejam dispostas e compreendam que seus privilégios e poder, você sabe, são

[1:01:32] a exploração é feita às custas de outras pessoas em outras partes do mundo.

Aluno

Sim, muito obrigado pelo seu interesse na palestra. É muito interessante você ter mencionado o tempo na sua apresentação. A minha pergunta é dupla.

[1:02:01] Então, eu gostaria de saber, na sua opinião, quanto tempo você acha que vai levar para a África se descolonizar de fato? Quando você mencionou A de Apple, eu me identifiquei com isso porque eu mesmo cresci em Gana e nasci nos anos 80.

[1:02:22] e também cantava rimas de Nesri, como “Mary tinha um cordeirinho, a lã era branca como a neve. A ponte de Londres está caindo”. E isso não foi há muito tempo. Então, fico me perguntando quanto tempo vai levar para realmente nos descolonizarmos.

[1:02:43] E a segunda pergunta é sobre direitos humanos. Coisas relacionadas a LGBT, eu sei que é uma relíquia colonial que está presente na maioria das constituições africanas e acho que é uma parte que eles até odeiam descolonizar. Eles não querem descolonizar.

[1:03:08] esse aspecto da constituição. Então, minha pergunta é: quanto tempo levará para o continente africano sair dessa situação, se você tiver uma opinião sobre isso? Obrigado.

Sylvia Tamale

Bem, isso levará o tempo que for necessário para quebrarmos essas correntes, reescrevermos a história, compreendermos e descolonizarmos nossas mentes, basicamente.

[1:03:43] Quanto tempo vai demorar? Você está olhando para o tempo de forma linear. Vai demorar o tempo que for preciso, mas acho que todos nós temos a responsabilidade de começar a nos educar e a compreender, como na história de Maathai, sabe?

[1:04:07] muito simples, mas muito, muito eficaz sobre as mudanças climáticas e assim por diante. Então, quanto tempo isso vai levar? Depende de quantos de nós compreendem essas coisas e conscientizam os outros por meio de blogs, redes sociais, ou qualquer outro meio necessário para que todos saibam disso.

[1:04:33] noções profundamente arraigadas que se tornaram parte do nosso senso comum, de que nossos olhos estão abertos e vemos que eles não são para nós, mas servem a outras pessoas em terras distantes, e isso realmente requer consciência. A segunda pergunta sobre direitos humanos, sim.

[1:04:57] Os direitos humanos, você sabe, parecem muito bons e você sabe que nós os temos em nossas constituições, e minha pergunta é: nós temos, por exemplo, Uganda, que comemorou 60 anos na semana passada, comemorou 60 anos de independência, e nós temos direitos humanos,

[1:05:26] a chamada de parte dos direitos humanos da Constituição, sim, nós temos uma Declaração de Direitos há anos, desde 1995, uma parte muito bonita da nossa Constituição que se concentra nos direitos das mulheres, muito favorável às mulheres. Minha pergunta é: isso mudou alguma coisa?

[1:05:58] a resposta óbvia é muito pouca ou nenhuma, o que nos diz algo: já tivemos a lei, já tivemos a Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU, os dois pactos, os instrumentos internacionais especializados em direitos humanos para mulheres e pessoas com deficiência, lindamente redigidos, com palavras muito bonitas, mas

[1:06:24] têm repertórios especiais e mudam muito pouco na prática, o que deve indicar que há algo de errado com o quadro dos direitos humanos tal como o conhecemos hoje. É simplesmente senso comum. Há algo de errado. E o que está fundamentalmente errado é a origem, as raízes de como esses direitos humanos se desenvolveram.

[1:06:48] Elas não foram criadas para proteger minorias como negros, pessoas com deficiência ou portadores do HIV. Não, elas surgiram da história mercantil para proteger os comerciantes, para facilitar suas operações comerciais.

[1:07:18] e para que possam interagir com outros comerciantes de alguma forma. Era realmente para isso que servia e é por isso que, quando foi traduzido para, digamos, tentar proteger as minorias, simplesmente não funciona, porque é muito individualista na sua visão, é muito neoliberal na sua visão e é simplesmente lindo.

[1:07:47] palavras. Na realidade, não é assim, por isso precisamos pensar em outras formas de alcançar a justiça além dos direitos humanos, porque, como sabem, já tive muitas discussões sobre não deitar fora o bebê com a água do banho, certo? Vamos tentar mudar e... mudar a humanidade.

[1:08:11] direitos e não acho que você possa mudar a forma como os direitos humanos funcionam hoje e suas instituições, é a pessoa na prática, é como a lei em geral, a lei é boa como base, você precisa de leis, mas temos, por exemplo, a lei contra a violência doméstica em Uganda, que existe há

[1:08:34] anos e em muitos outros países africanos, posso garantir que a situação da violência doméstica não mudou nem um pouco. Portanto, a lei é muito limitada, é muito liberal devido à forma como foi desenvolvida e à sua essência.

[1:08:57] Assim, algumas pessoas privilegiadas podem reivindicar direitos através dos tribunais. As estatísticas mostram que, em Uganda, por exemplo, apenas 5% da população recorre ao sistema judicial para resolver os seus litígios. Apenas 5%. Os outros 95% recorrem a outros meios. Por várias razões.

[1:09:27] razões: é muito caro contratar um advogado, eles moram muito longe dessas enormes instituições eurocêntricas que são totalmente estranhas para eles. Mas continuamos nas faculdades de direito a ensinar o direito que serve apenas 5% da população e não ensinamos resoluções de disputas baseadas na comunidade.

[1:09:51] Isso é colonialismo.

Aluna

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer pelo seu discurso. Foi realmente revigorante. A minha pergunta é: qual você acha que deve ser o papel da diáspora africana na luta pela descolonização e como devemos nos posicionar? Porque, no meu caso, sou originário do Quênia,

[1:10:28] mas quando volto, eles me chamam de Mzungu, que significa obviamente pessoa branca, e então é difícil construir uma ponte de entendimento mútuo quando eles ainda me veem como o outro, apesar do fato de eu não me ver como o outro.

Sylvia Tamale

Você mora aqui no Reino Unido? Sim. Ok. Tenho certeza de que você conhece muito bem a sua posição no Reino Unido. Sim.

Aluna

[1:10:54] Estou consciente.

Sylvia Tamale

[1:11:03] Não importa onde você esteja como pessoa de pele escura, não importa onde você esteja no mundo, você é percebida da mesma maneira. Então, vejo que você faz parte dessa luta. O fato de que, em seu país, eles te chamam de Mzungu faz parte da colonialidade por causa do seu sotaque, certo? Sim, por causa do seu sotaque, mas acho que você deve ter muito claro quem você é.

[1:11:28] é onde você está e seu papel não é diferente do país africano, obrigado.

Aluna

[1:11:57] Obrigado pela sua apresentação instigante e pertinente, aqui na Universidade de Oxford, talvez a primeira “instituição de marfim”¹ que separou os que sabem dos que consomem conhecimento, a comunidade da elite. A minha pergunta tem a ver com o processo de pesquisa. Então, na pesquisa tradicional,

[1:12:19] pesquisa, alguém escreveria uma proposta de pesquisa e, em seguida, um pedido de ética e, depois, passaria pela coleta e análise de dados. E, muitas vezes, através desse processo, você tem o pesquisador posicionado como o conhecedor e o construtor do conhecimento. Enquanto isso, a comunidade sobre a qual eles pesquisam é o objeto da pesquisa e, muitas vezes, tem

[1:12:41] muito pouca influência nas questões de pesquisa, para começar. Muitas vezes, as propostas de pesquisa são elaboradas de forma totalmente isolada entre um pesquisador e, potencialmente, um supervisor. Portanto, minha pergunta é: como podemos descolonizar esse processo e quais são as percepções do Ubuntu nesse espaço? E, se houver tempo, minha segunda pergunta é sobre o trabalho que você mencionou.

[1:13:04] de Ife Amajume, então como podemos desmistificar as narrativas das pessoas que dizem que a homossexualidade não é africana, sendo que essas pessoas tendem a ser frequentemente figuras políticas importantes nos nossos países africanos?

Sylvia Tamale

[1:13:21] Ok, muito obrigado. Acho que você está certo, você está certo quando diz que a maneira como fazemos pesquisa é muito problemática. Tratar as pessoas que nos dão informações como objetos e nós como os que sabem, e essa tradição é o que eu estava criticando, precisamos e

[1:13:44] então você vai em frente e obtém os direitos autorais e ganha dinheiro com o que eles lhe disseram, para que você não seja eles lhe deram a informação, seja um romance ou um roteiro, um roteiro de filme, isso pode ser diferente.

[1:14:13] Embora mesmo essas experiências sejam geralmente baseadas nas experiências de outras pessoas. Mas eu consigo entender isso. Mas quando se trata de uma publicação acadêmica, você escreve um livro ou um artigo científico com base em pesquisas que você

¹ um ambiente intelectual isolado, geralmente associado a instituições acadêmicas, onde o conhecimento é produzido e discutido sem grande contato com a realidade externa ou preocupações práticas.

fez, você está construindo sobre o que outros fizeram, você está construindo sobre entrevistas que você fez.

[1:14:42] conduzida por você, então não é seu conhecimento, portanto não deve ser comercializada e deve ser realmente de acesso livre. Então, como podemos mudar a forma como fazemos pesquisa, desde que estejamos cientes dessas práticas antiéticas?

[1:15:10] Sabe, envolver, sabe, não sei quantas vezes recebo e-mails de colegas do norte global, sabe, eles têm essa proposta, e acho que o doador disse que é preciso haver polinização cruzada, então é preciso ter alguém do sul.

[1:15:34] Ok? Então. Polinização, então você deve ter alguém do sul. Eles têm essa proposta que conceberam sem mim. E falta uma semana para o prazo final. Infelizmente, só temos uma semana. Mas estamos anexando a proposta. Fique à vontade para comentar e alterar qualquer coisa em uma semana. Largue tudo o que estiver fazendo. Mas nós queremos, você pode participar disso?

[1:15:57] Muito, muito antiético. Então, as pessoas, quero dizer, você pode conceituar uma questão de pesquisa, mas você pode testá-la e, quando obtiver os resultados, voltar às pessoas de onde obteve os resultados para que elas possam validar e realmente mostrar que é isso mesmo.

[1:16:28] eles queriam dizer a você e reconheça-os em sua pesquisa, e há outras maneiras além dessas revistas científicas revisadas por pares que realmente atuam como guardiãs. Deve haver outras maneiras, pelo menos na África. Deve haver outras maneiras de disseminar conhecimento além dessas publicações que realmente são mantidas em segredo, que tornam muito difícil a disseminação e que poucas pessoas têm acesso.

[1:17:00] Temos que ser muito criativos. É por isso que digo que temos que pensar fora da caixa e encontrar outras formas de divulgar o conhecimento além das publicações. E a segunda era sobre Dioume e a homossexualidade. Sim, precisamos certamente fazer mais estudos, mais pesquisas nessa área.

[1:17:25] há tantos exemplos pré-coloniais, mesmo hoje em dia, em que as mulheres se casam com mulheres na tradição africana, muitas pessoas não sabem disso, você conta a elas e diz: "Sério? Você conhece os mais recentes do Sudão do Sul, os Nandi, os Kikuyu, a lei que temos, por exemplo, em Uganda?"

[1:17:50] O povo Lange tinha uma noção que era totalmente reconhecida e permitida, eram, por falta de uma palavra melhor, homens efeminados, que podiam se casar com homens. E isso fazia parte da tradição deles. Mas quando os colonizadores chegaram com suas leis contra a sodomia e sua religião, Sodoma e Gomorra,

[1:18:17] e você sabe, isso se tornou a narrativa dominante até hoje.

Aluna

[1:18:49] Olá a todos. Muito obrigada por esta palestra. A minha pergunta tem a ver com o seu trabalho sobre o afrofeminismo e como os jovens podem colaborar na defesa dos direitos humanos, tal como acontece no norte do Uganda. Estou nas redes sociais e pergunto-me o que se está a passar e gostaria de participar, mas...

[1:19:11] Como você aconselharia, com base no seu trabalho sobre afrofeminismo, e como os jovens podem usar as redes sociais como ferramenta de defesa e não necessariamente para servir à agenda imperialista?

Sylvia Tamale

Vejo muita criatividade nas redes sociais. Acho que há um perigo em tentar explicar conceitos e noções muito complexos com um limite de 280 caracteres, pois isso torna-se muito difícil.

[1:19:54] alguém que não tem ideia, mas há algo criativo esta manhã, eu estava assistindo a um clipe no TikTok que achei fabuloso, gostaria de ter trazido, onde um irmão e uma irmã de talvez oito e dez anos, e a irmã de oito anos desce as escadas vestindo

[1:20:22] O casaco do papai e o irmão está usando o vestido da mamãe e os pais estão sentados à mesa de jantar com convidados. Eles perguntaram a ele o que ele estava fazendo e a menina respondeu: “Bem, eu sou o papai”. “Como assim, você é o papai? Você é uma menina. Esta é a sua mãe. Você é uma menina, não pode ser o papai”, ele disse.

[1:20:45] Eu quero crescer e ser como o papai, e meu irmão vai ser uma menina, pra que você saiba que quando eu me casar, eu vou trabalhar, volto pra casa, coloco os pés pra cima e bato na mamãe, bato nela, e claro que nessa hora o homem fica muito envergonhado, e sim, eu quero fazer isso, eu quero.

[1:21:08] Não quero ser menina, não quero ser mulher, quero poder bater na minha esposa, como bater na mamãe, pequenos vídeos como esses, acho que são muito eficazes. Há tantas maneiras de enviar mensagens usando... você pode ser muito criativo, acho que quem fala é muito criativo. Mas, sabe, nós precisamos, como África,

[1:21:35] precisamos parar de pensar em termos dessas fronteiras coloniais que nos foram impostas em Berlim. Porque, ao nos dividir em pequenas entidades, não há como um país, mesmo que seja a economia mais poderosa do continente, sentar-se à mesa com o G7 e começar a negociar qualquer coisa.

[1:22:03] Não há absolutamente nenhuma influência. Mas juntos, 54 países, o continente, com todos os recursos que temos, oh, muito, muito poderosos. Mas eles garantem que nós sempre, você sabe, nossos pequenos lagos, nossos líderes sentados em seus pequenos lagos como sapos pensem que eles

[1:22:28] são muito poderosos quando realmente não têm absolutamente nenhum poder, trabalhando dessa forma balcanizada. Precisamos chegar lá, é por isso que continuo enfatizando que tem que ser pan-africano, esse esforço tem que ser panafricano, temos que pensar em tentar apagar essas fronteiras que nos foram impostas. Muito obrigado.

Helen

[1:23:00] Acho que você nos ensinou muito, nos desafiou ainda mais, o que é algo muito saudável. Nosso respeito, admiração e gratidão por você aumentaram ainda mais agora que sabemos que você está no TikTok. Isso é incrível!

Sylvia Tamale

[1:23:17] Ah, obrigado.